

**DOSSIÊ: 25 ANOS – PERCURSOS
DO DEBATE HISTOROGRÁFICO**

O HISTORIADOR E SUAS REVISTAS ESPECIALIZADAS¹

Marcos Antonio da Silva²

Em janeiro de 1983, a revista interdisciplinar *Ciência e Cultura* publicou um texto sugerindo a divulgação sistemática de resultados de pesquisa histórica em artigos nos periódicos especializados da área e lastimando a indigência nacional nesse campo: enquanto a França, no início dos anos 80, contava com cerca de 376 revistas especializadas, nossas limitações sequer permitiam identificar o número de similares no Brasil.³

Cinco anos depois, a *Revista Brasileira de História* divulgou um balanço que parecia uma resposta indireta ao artigo anterior. Nela, 56 títulos foram relacionados e distribuídos da seguinte forma: vinte e dois em São Paulo, dois deles substituídos por um terceiro, nove no Rio de Janeiro, seis no Rio Grande do Sul, três no Paraná, três em Minas Gerais, dois na Bahia, dois em Santa Catarina, dois em Pernambuco, dois em Goiás e cinco distribuídos entre o Pará, a Paraíba, Sergipe, Ceará e Brasília. Os textos eram

¹ Texto apresentado na mesa-redonda “Revistas de História: problemas e perspectivas”, VII Encontro Regional da ANPUH/MG (ICH/UFOP, Mariana, MG), 24.09.1990.

² Professor do Departamento de História da FFLCH/USP.

³ NIZZA DA SILVA, Maria Beatriz. A pesquisa histórica no Brasil. *Ciência e Cultura*. São Paulo, 1983. Nizza da Silva fala que “Grande parte da produção historiográfica descamba para a escritura jornalística ou a divulgação didática”. (Op. cit, p.47, destaque nosso).

Não estamos, todavia, discutindo as escritas erudita e de divulgação em termos hierárquicos. Cf: ARENDT, Hannah. “A crise na Cultura”. In: *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W.B.Almeida. São Paulo, Perspectiva. 1982, p. 248-281, (Debates-64).

SILVA, Marcos A. da. “FACES DO MESMO”. *Revista Brasileira de História*. Ed. Cit., p. 123-137.

publicados por universidades, associações, museus, bibliotecas, institutos históricos, arquivos e órgãos de administração pública.⁴

À primeira vista, esse panorama é bastante promissor. Infelizmente, tal balanço não inclui informações mais detalhadas sobre publicações suspensas, irregulares ou sequer efetivamente lançadas. Diante disso, discutir a importância das revistas especializadas, para o historiador brasileiro, ainda impõe dar conta de questões tidas como óbvias mas, de fato, não resolvidas. Enfrentá-las é tarefa científica básica de denunciar o caráter aparente dessa obviedade e procurar respostas academicamente eficazes para necessidades que o nosso campo de saber tem que resolver.

Talvez, uma questão preliminar na discussão de nosso tema seja: o que é uma revista especializada em História? É a reunião de bons artigos da área? É um instrumento para a divulgação de resultados científicos recentes? É um espaço de debates entre diferentes construções científicas da História? Ela é um pouco de cada uma dessas faces e, ao mesmo tempo, mais que sua enunciação isolada e imediata pode sugerir.

A reunião de bons textos faz parte da configuração de uma revista especializada em História. Uma coletânea qualquer, todavia, pode abrigar o mesmo tipo de material. O que a diferencia, então, da revista?

Antes de mais nada, a condição periódica da última. Isso significa que a revista especializada em História pode ser esperada pelo leitor e pelo autor num prazo específico (entre nós, mais habitualmente, anual ou semestral), permitindo que os resultados da pesquisa sejam registrados, divulgados e debatidos naquele espaço de tempo.

A revista especializada em História assume, então, uma função institucional de grande peso para um público de profissionais e outros interessados pela área: garante que os diversos cursos, arquivos, bibliotecas e museus comuniquem

⁴ NADALIN, Sergio Odilon. Revistas especializadas em História publicadas no Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 8(15):285/289, 1987-1988.

aos congêneres e aos indivíduos que se interessam por História os mais recentes resultados de pesquisas, bem como possibilita àquelas instituições e pessoas se inteirarem da produção mais atualizada gerada noutros estados do país e noutros países.

Ainda que a questão fique restrita ao âmbito nacional, a importância de uma publicação dessa natureza imensa, tendo em vista a dimensão territorial do Brasil e as dificuldades para que o contato sistemático com diferentes instituições e pesquisadores individuais espalhados em seu espaço seja mantido.

Trata-se, então, de material caracterizado pela periodicidade regular, que alimenta a comunidade dos historiadores com informações, possibilidades de debate e espaço para a comunicação com seus pares. Para tanto, é fundamental que periódicos sejam mesmo periódicos, publicados num determinado intervalo de tempo, e não ocasionais, como edições que se dizem semestrais ou anuais mas que, de fato, não os são. Quando isso sucede, o suposto periódico se transforma, mesmo que de maneira disfarçada, em uma coletânea de textos, sem o efetivo compromisso institucional de divulgar, debater e recolher a produção científica recente, nem de participar do conhecimento em produção naquela sua especificidade editorial.

Debate, divulgação e coleta têm por contrapartida a postura de instituições de pesquisa e pesquisadores individuais quanto ao alcance que pretendem atribuir às suas produções. Tanto o pesquisador mais ensimesmado como a instituição mais fechada possuem um círculo de relações diretas que convive com o desenrolar de sua produção científica: pares acadêmicos, orientandos e auxiliares de pesquisa são alguns componentes desses grupos restritos. Acrescente-se-lhes pareceristas de agências financiadoras, integrantes de colegiados em universidades e conselhos curadores de museus e arquivos e teremos, então, um quadro da circulação em pequena escala, que a produção científica em História (e nas demais áreas de conhecimentos) enfrenta, sofrendo críticas e estabelecendo modalidades de diálogo.

Evidentemente, esse é um espaço institucional importante. O ato de publicar, todavia, altera esse quadro. A palavra publicar põe em cena o ato de tornar público o trabalho dos historiadores. Isso

contribui para consolidar seu campo científico num sentido em que os pares reconhecem-se reciprocamente a partir de resultados expostos, controlados e debatidos publicamente, sem que tal universo seja confundido com práticas de favores ou agressões banais que permeiam algumas relações diretas.

A revista especializada não é o único veículo para publicações de que os historiadores dispõem. Certo clima editorial, recente no Brasil, até parece bafejar benevolmente nosso campo de estudos, que tem servido de área destacada em vários catálogos de grandes editoras, quer na publicação de extensos volumes eruditos, quer no lançamento de muitas obras de divulgação. É importante preservar essas e outras diferentes formas editoriais, evitando que uma sufoque as demais.

Observa-se em nosso campo profissional, no Brasil, certa hipertrofia das publicações de divulgação. Essa observação não pretende alimentar atitudes preconceituosas em relação a tais volumes. A análise crítica de alguns deles em coleções como *Tudo é História*, da Editora Brasiliense, e *Princípios*, da Editora Ática, demonstra a possibilidade de boa qualidade científica e divulgação conviverem num mesmo espaço.

As dificuldades surgem, todavia, quando seu modelo editorial configura-se como horizonte mais habitual e quase exclusivo do historiador entre nós. Recorde-se um padrão comum a essas coleções: número limitado de páginas, restrições a notas de rodapé (bibliográficas ou críticas) e sugestão de uma linguagem simples, frequentemente identificada à de um público com escolaridade de 1º grau.³

Se tais características de escrita forem assumidas hegemonicamente entre os profissionais como norma para o estudo histórico, muitos estilos de reflexão sofrerão graves prejuízos e serão excluídos do universo editorial.

Essa situação é diferente quando se trata da publicação de grandes volumes eruditos. Nesse caso, costuma-se preservar certa liberdade de extensão do texto, referência de fontes e linguagem analítica. Um preço habitualmente pago por essa liberdade é a extrema redução do campo editorial para essas obras, tornando-o acessível para temas com ressonância num

público ampliado ou para autores consolidados junto a esse público. A produção editorial de uma obra dessa natureza costuma ser lenta, já que retarda o lançamento para garantir seu padrão geral.

A revista especializada garante espaço para a escrita erudita, sem a submissão direta às regras do mercado editorial. Revestida de potencial agilidade (muitas vezes emperrada por dificuldades de financiamento), a revista contribui para a crescente institucionalização do saber histórico e da autoridade científica legitimada pelo público da área, bem como para a superação de certo monólogo acadêmico, que representa graves riscos autoritários, e para a manutenção de um fluxo constante de circulação e debate de produção recente.

Outra importante tarefa da revista especializada em História é realizar balanços frequentes da produção historiográfica, quer diretamente (ensaios bibliográficos, resenhas de obras por temas ou autores), quer como parte habitual de artigos. Trata-se de uma prática, ainda realizada, timidamente, pelos periódicos brasileiros dedicados à História, fundamental para qualquer área de conhecimento. Ela também participa da institucionalização e produção de conhecimento histórico como diálogo crítico com diferentes tradições e projetos contemporâneos, definindo esse processo como campo de permanente confronto entre hipóteses e explicações.

Através da presença polêmica do saber mais recente na cena da produção historiográfica, as revistas especializadas também assumem importante papel no que se refere à formação dos profissionais de História. De imediato, esse papel configura-se nos cursos de graduação e pós-graduação: boas revistas são excelente material para pesquisadores iniciantes e aprendizes se familiarizarem com a dinâmica produtora de seu espaço de saber, com os debates teóricos e com as conquistas empíricas representadas pelas pesquisas em andamento.

É necessário acrescentar que a função formativa dos periódicos especializados faz-se presente, também, para pesquisadores mais experientes e para profissionais que atuam no ensino de 1º e 2º graus, se levarmos em conta o caráter

permanente da formação científica. Todo pesquisador experiente tem necessidade de acompanhar os novos trabalhos e dialogar com eles.

O professor de 1º e 2º graus que teve uma adequada formação acadêmica valoriza as novas propostas científicas, incorporando-as ao seu trabalho, desmentindo, na prática, a falsa oposição entre a pesquisa e ensino, ainda alimentada por alguns setores acadêmicos brasileiros.

Evidentemente, toda revista especializada em História precisa estar comprometida com padrões de excelência que justifiquem sua existência. Examinados os periódicos brasileiros na área, não é difícil encontrar vários, de diferentes instituições e regiões, que publicam importantes artigos inéditos e contribuem para a difusão de historiadores estrangeiros pouco conhecidos no Brasil. Essa qualidade de conteúdo, todavia, pode ficar seriamente comprometida, em termos editoriais de periodismo, se a distribuição da revista for irregular e restrita a grupos de relações diretas ou a um pequeno número de instituições.

Este é dos riscos que mais ameaçam nossos periódicos especializados em História: sua transformação, malgrado consideráveis esforços para garantir textos de boa qualidade, em órgãos internos das instituições que os editam, reiterando, pela via impressa, o contato que relações diretas já permitem. Assim, os pares e alunos de um docente, por exemplo, tomam conhecimento, pela enésima vez, da mesma pesquisa que foi apresentada em aulas, concursos, relatórios e conversas informais. O investimento intelectual e financeiro (editar qualquer revista é muito caro) rende minimamente, ou mesmo nada, e potencialidades daquele material, no sentido de ampliar o círculo de atuação de seu conteúdo, são frustradas.

Outra ameaça à sobrevivência de nossos periódicos especializados em História diz respeito a sua tendência excessivamente generalizante. Embora os programas de pós-graduação em História, no Brasil, tendam a definir áreas de concentração por campos temáticos, períodos ou espaços, muitas revistas brasileiras dedicadas à ciência em questão ainda

hesitam em publicar edições temáticas e abrigam materiais muito diversificados.

Se a abertura temática pode significar convívio entre diferentes projetos, é inevitável que a especialização do pesquisador englobe a demanda de periódicos adequados para sua formação e veiculação específicas, tendendo a copiar um ou outro texto em vez de adquirir o exemplar da publicação geral.

Falar em revistas especializadas de nossa área de trabalho significa refletir sobre políticas de formação profissional permanente, identidade entre pesquisa-ensino e institucionalização do saber histórico. Criar novos periódicos dessa natureza é assumir compromissos em nosso campo de trabalho, dialogando com diferentes estilos de atuação profissional (em universidades, museus, arquivos, escolas de 1º e 2º graus, empresas de pesquisa) e contribuindo para a definição de propostas desses vários espaços em relação à produção de conhecimento histórico.

É muito bom que nasçam mais e mais novas revistas especializadas em História, enfrentando, assim, as dificuldades de financiamento que a política anticultural vigente fomenta. Tão importante quanto (ou até mais importante que) isso é garantir a sobrevivência dos periódicos existentes, definindo, cada vez mais, seus projetos, reconhecendo a existência dos demais e participando de um saber em construção que, sem ser mera acumulação ou acomodação, expande-se ao tornar mais claras suas legítimas diferenças internas.